



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES

GILSON LUBALO PEMBELE

**A LITERATURA ANGOLANA DOS ANOS 60 E 70  
E A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA**

REDENÇÃO – CE

2016

GILSON LUBALO PEMBELE

**A LITERATURA ANGOLANA DOS ANOS 60 E 70  
E A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro

REDENÇÃO – CE

2016

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira  
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)  
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL  
Catalogação na fonte**

**Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219**

---

P4211 Pembele, Gilson Lubalo.

A literatura angolana dos anos 60 e 70 e a construção do processo de independência. /  
Gilson Lubalo Pembele. – Redenção, 2016.

48 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras  
da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro.

Inclui referências.

1. Literatura angolana - História e crítica. I. Título.

CDD A869.09

---

GILSON LUBALO PEMBELE

**A LITERATURA ANGOLANA DOS ANOS 60 E 70 E A CONSTRUÇÃO DE  
INDEPENDÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Bacharelado em Humanidades da Universidade  
da Integração Internacional da Lusofonia Afro-  
Brasileira como parte dos requisitos necessários  
para a obtenção do título de Bacharel.

Aprovado em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Dra. Andrea Cristina Muraro

UNILAB

---

Profª. Dra. Luana Antunes Costa

UNILAB

---

Profª. Dra. Larissa Gabarra

UNILAB

A toda minha família, que sem os quais eu não existiria.  
“Um sonho realizado é aquele que, para além de ser realizado, foi sonhado.”

Gilson Pembele

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por estar sempre presente em minha vida.

À Professora Doutora Andrea Cristina Muraro, minha orientadora, pelos ricos ensinamentos, conselhos e pela importante presença na minha vida acadêmica de ensino superior.

A toda família Martins de Sousa, que me recebeu desde o princípio até o atual momento: em especial à Aline Martins de Sousa (minha namorada).

A minha estimada amiga, Cláudia Alves, por fazer parte de quadro de amigos que aqui (no Brasil) conquistei.

Ao Professor Doutor Fábio Baqueiro Figueiredo, pelos ensinamentos e indicações de material que me serviram de suporte para realização do presente trabalho.

Às professoras Doutoras Larissa Gabarra e Luana Antunes Costa, por comporem a banca.

Agradeço também aos demais professores (as) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), em particular aos do Instituto de Humanidades e Letras (IHL).

O meu reconhecimento e agradecimentos, a toda equipa de funcionários da Unilab: técnicos, bibliotecários, servidores (as) do R.U (restaurante universitário), a equipa de assistentes do IHL, técnicos dos laboratórios de informática, motoristas dos ônibus intercampi, a toda equipa de limpeza, da fotocopiadora, e aos demais..., meu muito obrigado pela vossa existência e importante contribuição.

Aos amigos/as, que de modo direto ou indiretamente prestaram (e continuam...) os seus apoios, dias após dias, para que eu me tornasse esta pessoa que sou hoje. Seja os que residem em Angola, os de nacionalidade brasileira, caboverdianos, guineenses, moçambicanos, santomenses, timorenses e, principalmente, a toda comunidade angolana residente no Estado do Ceará, Brasil, nos municípios de Acarape-CE, Fortaleza-CE e em Redenção-CE (em especial os da minha entrada: 2014.1).

A toda minha família, por respeitarem e apoiarem, a minha decisão de sair de casa para estudar no exterior, no Brasil.

Por fim, ao governo brasileiro, em particular ao Ministério da Educação (MEC), pela oportunida concedida de me formar intelectualmente, e pelos programas de bolsas de incentivo a pesquisas.

## RESUMO

No presente trabalho, procuramos fazer um estudo panorâmico sobre a literatura angolana dos anos de 60 e 70 e a construção do processo de independência no século XX. Dividido em quatro (4) capítulos, no primeiro nos dedicamos a apresentar resumidamente o contexto do início das reivindicações e a construção da identidade nacional angolana. No segundo, tivemos como meta apresentar breve panorama das movimentações literárias que marcaram as décadas anteriores a sessenta (60) e setenta (70), especificamente os anos quarenta (40) e cinquenta (50), do século XX, com a geração que ficou conhecida por *Mensagem* e a *Cultura*. Já no terceiro capítulo, por sua vez, procuramos apresentar e compreender, sobretudo com os textos literários – particularmente com poemas - que caracteriza-se pelo signo da resistência. Por fim, no quarto e último capítulo, demos sequência nas nossas análises sobre a literatura da década de setenta (70), visto que é na metade dessa década que se concretiza a independência do povo angolano, a 11 de novembro de 1975.

**Palavras-chave:** Identidades; Literatura angolana; Revista Mensagem e Cultura; Resistência; Independência

## ABSTRACT

In the present work, we attempt to make a panoramic study on the Angolan literature of the 60s and 70s and the construction of the independence process in the twentieth century. Divided in four (4) chapters, where in the first we are dedicated to briefly present the context of the beginning of the demands and the construction of Angolan national identity. In the second, we aimed to present a brief overview of the literary movements that marked the decades 60s and 70s, specifically 40s and 50s, of the twentieth century, presenting the generation linked around *Mensagem* and *Cultura* Publications (Magazines). Already in the third chapter, in turn, we try to present and understand, especially with specifics of the literary texts - particularly the poems – that had the sign of resistance. Finally, in the fourth and last chapter, we have followed up on our analyzes, particularly the 1970s, since it was in the middle of this decade that the independence of the Angolan people materializes, on November 11th, 1975.

**Keywords:** Identities; Angolan literature; *Mensagem* and *Cultura* Magazine; Resistance; Independence.

## **LISTA DE SIGLAS**

**UNILAB-** Universidade Internacional da Lusofonia Afr-Brasileira

**IHL-** Instituto de Humanidades e Letras

**R.U-** Restaurante Universitário

**MEC-** Ministério da Educação

**TCC-** Trabalho de Conclusão de Curso

**UEA-** União dos Escritorios Angolanos

**CEA-** Casa dos Estudantes de Angola

**CEI-** Casa dos Estudantes do Império

**PIDE-** Polícia Internacional e Defesa do Estado

**MPLA-** Movimento Popular de Libertação de Angola

**2K-** Kuango Kubango

**MNIA-** Movimento dos Novos intelectuais de Angola

**UPA-** União das Populações de Angola

**FNLA-** Frente Nacional de Libertação de Angola

**RTP-** Rádio e Televisão de Portugal

**TPA-** Televisão Popular de Angola

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO I- O contexto do início das reivindicações e a construção da identidade nacional.....	12
CAPÍTULO II- Breve panorama da presença das reivindicações pela independência nos textos literários antes dos anos 40 e 50.....	17
CAPÍTULO III – A literatura da década de sessenta (60).....	29
CAPÍTULO IV – A década de setenta (70).....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	45
BIBLIOGRAFIA.....	47

## INTRODUÇÃO

Um trabalho acadêmico é sempre acompanhado de vários desafios e obstáculos que, para serem ultrapassados e realizados, tem que ser abraçados independentemente de nossas capacidades intelectuais. Dessa forma, foi com essa força de espiritualidade de vencer e acreditar na concretização, que decidi abraçar o presente trabalho, que servirá também como requisito para o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), para o grau de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira: Unilab.

O nosso trabalho dedicou-se em particular em apresentar um estudo panorâmico sobre a literatura angolana das décadas de 60 e 70 e a construção do processo de independência do século XX. Uma literatura que viria servir como arma de guerra desde cedo para o povo africano, em particular aos angolanos. Embora, ressaltamos que houvera já as primeiras aparições, de jovens intelectuais africanos, “na segunda metade do século XIX, [que] começariam a proporcionar as condições necessárias para a manifestação de um fenómeno literário nacional” (ERVEDOSA, 1979, p. 20).

As primeiras aparições literárias que podemos considerar não ainda como angolanas, mas com um espírito de localidade, foram desenvolvidas a partir do século XVII, nos escritos de um militante e capitão conhecido por António Dias de Macedo. Assim como também mais adiante pertencente ao século XIX, na sua metade, o registro da intitulada obra literária de poemas *Espontaneidades da Minha Alma- Às Senhoras Africanas*, tido como o primeiro livro de poesia a ser publicado por um escritor africano, José Silva Maia Ferreira. (ERVEDOSA, 1979, p. 19 e 20), faz os primeiros passos na formação desse processo. Na sequência, com a criação da imprensa em Angola, em 1880, uma militância literária também se fará presente nos jornais e a geração de 1900, começará a consolidar tanto a prosa e quanto a poesia, mesmo em meio ao processo colonial. As reivindicações aparecem mais ordenadamente a despontar ainda na década de 20 e 30, também pelos jornais e em alguns romances.

Para a realização do presente trabalho, foi necessário recorrermos à disponibilidade de material existente em acervos físicos, assim como virtuais. Além disso, merecemo-nos também de outras fontes, entre eles, jornais, revistas, teses de dissertação de mestrado, artigos, blogs, diários, assim como também de documentários cinematográficos. Tal como considerou Stuart Hall (2002) em afirmar que “o trabalho teórico é um corpo a corpo com outros teóricos, [a partir da] sua autoridade e seus discípulos, sua história e mudanças de rumo”.

Dessa forma, o principal objetivo deste trabalho de pesquisa baseou-se, sobretudo, em evidenciar e compreender a partir da literatura angolana, especificamente nos poemas e prosas como o signo da resistência, para a afirmação da identidade do povo angolano e de requisito de arma de conscientização e de reivindicação contra o colonialismo português.

Configuramos o nosso trabalho com quatro (4) capítulos. No primeiro, apresentamos um resumo do contexto do início das reivindicações e a construção da identidade nacional do povo angolano. Visto que, era necessário se construir e fortalecer a ideia de sua cultura, em paralelo ao início da luta de libertação.

No segundo, apresentamos em um breve panorama geral das movimentações literárias que se constatarem nas décadas anteriores a sessenta (60) e setenta (70); uma vez que dentro das décadas de quarenta (40) e cinquenta (50), presenciou-se o nascimento de várias associações comandadas pelos intelectuais angolanos interessados em romper decididamente socioculturalmente contra o sistema opressivo colonial. O projeto ao redor da Revista *Mensagem* foi, por exemplo, nos finais de quarenta e início de cinquenta, para os intelectuais africanos, angolanos, sobretudo um caminho para demonstrar verdadeiramente as suas culturas a partir de uma literatura autenticamente participativa.

No terceiro, por sua vez, adentramos especificamente na década do primeiro recorte de nosso estudo, a literatura da década de sessenta (60). Sobre essa década, buscamos evidenciar e compreender o processo que levou os escritores intelectuais angolanos a partir de textos literários, particularmente, poemas, como forma de denunciar os preconceitos e de resistir ao opressor. Nesta década, surgem nomes como António Jacinto, Agostinho Neto, Mário António, entre outros, que no decorrer de seus percursos de vida usufruíram da arte da literatura para lutar pelo seu povo.

Por fim, no quarto e último apresentamos o meado da década de 70, as vésperas da proclamação da independência de Angola. Assim, presenciavam-se na sociedade angolana intensas movimentações culturais e literárias dispostas em romper decididamente com os abusos do colonizador. Assim como também a consolidação da União dos Escritores de Angola, UEA, pelo nacionalista político e escritor, Agostinho Neto, que se tornaria o primeiro presidente da República de Angola. Neste capítulo, refletimos evidentemente tal como no anterior, sobretudo sobre sustento de textos de poemas de resistência da década.

A literatura angolana teve durante décadas uma importância na participação de recuperação e afirmação na cultura desse povo. Um povo que pela ganância e preconceito do colonizador, viu seus direitos sociopolíticos a serem retirados e para a recuperação teriam que por fim ao silenciamento, construindo projetos de conscientização para lutar contra o seu

opressor. O objetivo principal de nosso estudo foi de apresentar essa trajetória que começa nos final dos anos 40 e segue até 1975, ano que foi testemunho do fim do governo colonial e da concretização da independência.

## **CAPÍTULO I- O contexto do início das reivindicações e a construção da identidade nacional**

Para este capítulo do nosso trabalho, sobre a construção da identidade angolana, dentre os vários caminhos possíveis, recorreremos aos estudos desenvolvidos e não só, pelo antropólogo angolano Carlos Serrano, que na sua obra *Angola- Nascimento de uma nação: um estudo sobre a construção da identidade nacional* onde vislumbramos possíveis caminhos sobre o sucedido deste processo. Assim como também recorreremos em teses, artigos, jornais e entre outras fontes existentes, que nos serviram de base.

Carlos Serrano, tal como Mário Pinto de Andrade, Ilídio Machado, Liceu Vieira Dias, Luandino Vieira, Viriato da Cruz, este último com quem teve um amplo vínculo de amizade e, entre outros, foi também um nacionalista que na sua geração<sup>1</sup> “rompeu de maneira decidida com o discurso colonialista, para se intregar no campo daqueles que não se limitaram a rejeitar as teses e as práticas do colonialismo, visando exclusivamente à independência” (SERRANO, 2008, p. 18).

A revolta dos nacionalistas angolanos sucede devido às severas imposições determinadas por Oliveira Salazar, imposições estas que cortavam aos angolanos, os próprios filhos da terra, a sua liberdade de participar, inclusive, na tomada de decisões políticas. No sentido de que os próprios *filhos da terra*, tanto em intervenções internas como nas externas, se vissem obrigados a não opinar (cf.SERRANO, p.18).

O historiador brasileiro M.Bittencourt (1999) traz-nos outro detalhe a respeito da revolta, quando esclarecei-nos que essa represália conduzida pelos nacionalistas angolanos não só se apercebeu pela questão do colono português branco, mas sim, sobretudo, contra as transgressões impostas até, inclusive, aos operários atuantes dos campos, refirimo-nos aqui em particular aos camponeses.

Os nacionalistas angolanos perante a imagem da opressão de não poder participar nas tomadas de decisões, começavam a construir discursos de caráter reivindicatório:

O sentido do discurso dos nacionalistas angolanos que durante algum tempo se limitara a denunciar os erros, os abusos e os crimes do colonialismo, esperando que os homens políticos portugueses fossem capazes de ouvir as críticas e de corrigir de maneira radical a situação cada vez mais inaceitável. (SERRANO, p.17)

---

<sup>1</sup> A geração que nas décadas dos anos quarenta (40) lançaram o grito de guerra “Vamos Descobrir Angola”, “que comprovava a necessidade de descobrir o seu povo, os seus valores intrínscos desse [...]” (SERRANO, 2008, p. 134).

Tanto em Carlos Ervedosa - com o seu **Roteiro da Literatura Angolana** - como também em Russel G. Hamilton, em seu trabalho **Literatura Africana- Literatura Necessária I - Angola**, aquinhoam da mesma ideia de que foi um nacionalista angolano, o poeta Viriato Clemente da Cruz, que, em 1948, proferiu o grito de guerra “*Vamos Descobrir Angola<sup>2</sup>!*”.

O pesquisador Carlos Serrano mesmo na condição diaspórica, tanto na Europa como na América, este último em particular no Brasil, sempre voltou pesquisas ao seu contexto social, angolano e mais especificamente ao da província de Cabinda. A exemplo disso, na sua pesquisa de mestrado intitulada “Os Senhores da terra e os homens do mar (1983)”, Serrano buscou desconstruir todo o preconceito ideológico do governo português construído sobre o seu povo, preconceitos estes que condicionavam e obrigavam os próprios angolanos a lidar com a ideologia do domínio português, desvalorizando assim o seu povo, o que é um exemplo da produção da geração que se fez em meia à luta de libertação nacional.

Para Serrano (2008) a temática da identidade nacional é um fato sempre presente na literatura angolana. Visto que, foi na escrita que os intelectuais recorriam não somente para fazer denúncias, mas também usam para se formular construções de discurso de uma Nação. Esses discursos, por sua vez, eram relatos da vivência quotidiana, tanto de situações eufóricas ou mesmo um tanto utópicas, mas carregados de uma autonomia. Tal como também era dentro destas construções extinto qualquer que fosse a presença do sujeito colono, assim como evidências que não os representavam.

Essa ideia do colonizador português de imposições as suas colônias, aqui em particular a angolana, parte sempre do

[...] esforço colonial assentado tanto na aculturação como na assimilação, parte sempre do mesmo princípio: o *Outro* colonizado é um *Outro* despojado de qualidades, o que o condena a só poder alcançar a maioria, intelectual e sobretudo política, aceitando as regras da regras da submissão à autoridade colonial (SERRANO, p. 23).

Sendo assim, ainda de acordo com Serrano, os angolanos foram submetidos a aceitar a dominação. O colono eliminava o colonizado toda e qualquer possibilidade de um pensamento independente, objetivando com isso que os “filhos da terra”, tal como escreve

---

<sup>2</sup> Consultar o próximo capítulo para mais detalhes, onde apresentamos os estudos críticos dos dois autores, Carlos Ervedosa e Russel G. Hamilton, que nos serviram de base.

Hamilton (1975)<sup>3</sup>, renunciasses da liberdade do uso da sua consciência nacional, por mais intrínseca que fosse.

O colonizador, por sua vez, atuava eficazmente aplicando restrições em áreas como, por exemplo, da educação, nas publicações dos materiais literários, jornais e entre outras intervenções que foram impostas para o contexto social angolano, de modo a anular qualquer que fosse o recurso que despertasse e viesse a suscitar revoltas (cf. SERRANO, 2008, p 23).

Os povos de Angola obrigados a deixarem de lado as suas particularidades culturais passariam a ser visto como os “*bons portugueses*”, num tratado estabelecido no ano de mil novecentos e cinquenta e quatro (1954), que fez com que fosse

legislado o reconhecimento do estatuto de *assimilado* são amplamente reveladoras: para conseguir passar a barreira, os angolanos são obrigados a renunciar aos valores angolanos, como a habitação, o vestuário, a cozinha, e naturalmente a língua (SERRANO, p.24).

No entanto, todo o aparato da influência ideológica do governo português, construído para dominações dos colonizados, especificamos aqui ao contexto angolano, influenciou de certa forma para o atraso do processo de construção, seja na perspectiva política, assim como também no processo da construção de uma identidade própria do povo angolano.

Visto que, a estrutura dividida do poder do governo colonial apresentava-se potencialmente forte de forma a anular ou desestabilizar qualquer que fosse o espaço dos movimentos de libertação. O quadro estrutural das autoridades coloniais recebia apoio e reconhecimento do governo americano não só pela questão da hegemonia do homem branco, assim como também pelo uso da força que impossibilitando o colonizado, no caso os angolanos, de se absterem-se do comunismo, “vermelhas de Moscovo” e entre outras, por exemplo (cf.SERRANO, 2008).

Tanto no seu próprio território como em outros, em particular na Europa, foram impostas restrições na circulação dos militantes angolanos, que viajavam pelo mundo em serviços nacionais, embora ainda não alcançado a sua independência do país. Num momento em que os “*filhos da terra*” começam a buscar a sua liberdade, que fora negada insistentemente pelo governo português, que por sua vez passou a olhar os “movimentos de libertação”, que começavam a surgir, como potenciais inimigos terroristas, e todos os seus associados:

---

<sup>3</sup> O próprio autor, Carlos Serrano, igualmente os denominou. Cf. SERRANO, 2009, p. 26.

A rigidez do sistema colonial português está por isso directamente integrada na própria violência dos termos utilizados para definir tantas tentativas de negociação, tentadas sobretudo por Amílcar Cabral, que se dera conta do preço excessivo a pagar para desencadear, manter, alimentar e ganhar a guerra colonial, e que só tenham recebido respostas ambíguas – no melhor dos casos – por parte dos responsáveis portugueses, vítimas da própria incoerência das suas posições teóricas. Por sua vez, estas eram alimentadas por um conceito de honra militar, não só arcaico, mas despojado de qualquer eficácia nas condições existentes (SERRANO, 2008, p. 32).

É com este primeiro momento, de acordo com Serrano (2008), que analisamos e evidenciamos os reais propósitos da política do colonizador português contra o seu colonizado, em particular, os angolanos. Uma política que ficou evidente pela crueldade portuguesa em tentar construir, a partir das suas ideologias e sem dar espaços de participação aos angolanos, uma identidade nacional. Ou seja, o nacionalismo angolano só surge, mesmo apresentando debilidades nas suas primeiras tentativas de lutas, quando começa-se a preparar os princípios de oposições contra o seu opressor, neste caso, ao colonizador .

Ao que indica Serrano (2008), o outro momento, na prática, constatou-se a partir da inclusão. O despertar da consciência entre os diferentes grupos existentes nacionalistas, ao tomarem reconhecimeto da existência da dominação colonial, em conjunto começam com os protestos de resistências<sup>4</sup>.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p.5).

Outra etapa proposta pelo antropólogo angolano Carlos Serrano, ao tratar do processo da construção da identidade angolana, deu-se na “racionalização da identidade cultural” (2008, p.157). O indivíduo tornava-se e era considerado angolano quando este buscava reconhecer os seus valores culturais, valores autónomos, a partir da sua língua e da sua situação geográfica, onde, com isso, demarcavam-se assim um imaginário dessa autonomia<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Serrano (2008), ainda nos deixa claro que, o fato de que os diferentes grupos angolanos se unirem para causa nacional, como, por exemplo, os Cokme, Kwanyima, Bakongo e entre outros, não implica dizer que entre os mesmos não havia especificidade étnica. Ou seja, cada grupo tinha uma origem e também contextos étnicos. O autor nos acrescenta que a integração, entre estes grupos, que faz suceder o Estado colonial angolano. Para mais detalhes cf. SERRANO, 2008, p. 157.

<sup>5</sup> Ainda dentro deste contexto, é importante destacar que, dentro do contexto social urbano da capital Luanda e da província de Benguela, foi onde teve a gèneses de um pequeno grupo de intelectuais que assumiu o processo da conscientização nacional angolana. Ver: SERRANO, 2008.

Serrano (2008) explica-nos que o ressalvar da historiografia angolana começa a ser recuperado na literatura por escritores e poetas, que buscam evidenciar nomes de heróis como no caso em particular, por exemplo, da Rainha Njinga Mbande; e entre muitos que existiram e que passaram a carregar na recuperação da contada história angolana como figuras de resitência na luta contra seu o colonizador, os portugueses.

Houve sempre necessidade por parte dos nacionalistas angolanos de lutarem pela recuperação destes valores e dos seus heróis. Na capital Luanda, por exemplo, “dispõe de monumentos, na época colonial, todos eles são dedicados aos heróis míticos da história portuguesa” (2008, p.160), mas que por outro lado, quantos aos nomes dos hérois africanos, a existência é quase que despercebida.

Outro movimento de luta com base religiosa que aparece perante o cenário de luta que a capital Luanda presenciava, foi o movimento religioso angolano denominado “tocoísmo”, liderado por Simão Gonçalves Toco, nascido em Maquela do Zombo, no Norte de Angola. Simão Gonçalves Toco, que também estudou no Liceu Salvador Correia, na capital Luanda; viaja para o Congo Belga<sup>6</sup>, onde entra em contradições com os movimentos religiosos belgas, é expulso e aceito entrar em Angola. Inclusive, os seus seguidores foram reenquadrados na capital, com trabalhos assalariados e outros encaminhados para São Tomé (cf.BITTENCOURT, 1999).

Dessa forma, resumidamente, entendemos que a necessidade dos angolanos em se opor contra o Estado colonial, foi um fator primordial para se começar a (re) construção de uma identidade nacional. Assim como também do direito de liberdade de expressão que começariam a dar início às reivindicações contra o opressor e daí começava-se a construção de um Estado-nação. Exemplo disso constatou-se na valorização da própria cultura local, como uma forma de demarcar o seu espaço social.

---

<sup>6</sup> Congo Belga é a atual República Democrática do Congo.

## **CAPÍTULO II- Breve panorama de presença das reivindicações pela independência nos textos literários dos anos 40 e 50**

No presente capítulo, buscaremos compreender a presença das reivindicações pela independência nos textos literários das décadas de 60 (sessenta) e 70 (setenta), como demonstramos no nosso título. Mas, antes disso, buscaremos resumidamente apresentar um panorama geral dos acontecimentos ocorridos nos anos 40 (quarenta) e 50 (cinquenta) do século XX, que acreditamos serem relevantes, para melhor compreender a nova geração que ficou “conhecida como *Mensagem*, nome também da revista de 1951, que trouxe um projeto com propostas para divulgação da cultura literária angolana” (MURARO, 2006, p.14). Tal geração “[...] se expressa em português, a qual, mercê da utilização da escrita, se desenvolveu e evoluiu, tornando-se uma arma de que os intelectuais angolanos se serviam, ao longo do tempo, na luta de emancipação nacional” (ERVEDOSA, 1979, p. 18). Tal como interpreta o poeta Antero Abreu na sua poesia intitulado *Libertação*, que aqui mereceu nossa atenção:

Das mentiras loucas que me envolvem  
 Vou quebrar os liames um a um  
 E da angústia da libertação  
 Nascerá um dia a paz  
 Do ser e do não ser.

Das mentiras vãs que me amordaçam  
 os véus arrancarei a um e um  
 Tristes despojos dum passado velho  
 que em mim se quis perpetuar.

E deixarei um rasto de desilusões;  
 Um caminho de lágrimas choradas;  
 Um pouco do que fui em cada dia.

Mas ficarei seguro e afirmado,  
 Com a serenidade dum Buda na floresta,  
 Com a nudez dum Cristo no redil.

(*Apud* ANDRADE & EDUARDO, 1959, p.57)

Contudo, é importante também ressaltar o nosso reconhecimento e destaque as décadas anteriores as que acima nos referimos: especificamente as décadas de 20 (vinte) e 30 (trinta). Visto que nestas décadas, a literatura tradicional angolana, antes de passar a ser registada pela escrita, a partir da oralidade como, por exemplo, nos provérbios, adivinhas,

contos, entre outras, demonstravam enriquecimentos em evidenciar e exaltar o quotidiano da vida realística dos povos de Angola, tal como também dos africanos em geral. O etnógrafo, escritor e intelectual Óscar Ribas, somente para ilustrar, foi um dos angolanos que mereceu o reconhecimento da vasta recolha da literatura tradicional africana tanto da região da capital luandense<sup>7</sup>.

Em busca de uma formação superior, em 1944, após a conclusão do “ensino secundário nos dois liceus da colónia” (ERVEDOSA, p. 92), jovens angolanos partiam para Europa, particularmente para Portugal, com o objetivo de ingressarem em uma instituição de ensino universitário, uma vez que as mesmas não existiam em Angola.

A geração que iniciará as reivindicações pela Independência, em partes, terá que ir a Portugal em busca de formação superior, uma vez que em Angola, o governo português, apenas e para poucos que podiam, permite a instalação de alguns liceus (hoje ensino médio). O fato de não haver escolarização posterior ao Liceu mostra, em apenas um exemplo, o descaso e as limitações impostas pelo colonialismo.

Tinham de deixar suas terras, as suas famílias e os seus amigos. Partiam no bojo de um navio, já saudosos, mas decididos a vencerem e a regressarem, para um dia, juntamente com aqueles que ficavam, construir uma Angola maior, mas bela e mais justa. (ERVEDOSA, p. 92)

No ano de 1944, em Lisboa- Portugal começava a funcionar a Casa dos Estudantes de Angola (CEA) criada Antonio de Oliveira Salazar<sup>8</sup>. Segundo o que nos confere Ervedosa, (1979) foi uma instituição que para além de ser um centro de encontros e reuniões, passou também a ser, para os estudantes, um lugar onde os mesmos poderiam fortalecer os laços de amizade e suavizar as lembranças do passado que carregavam consigo, dos familiares, das suas terras, para as quais mais tarde iriam somente regressar depois que finalizado seus os estudos. Vale ressaltar que a Casa mesmo sendo criada em pleno salazarismo, acabou por tornar-se uma espécie de congregação de futuros líderes africanos, incluindo os angolanos.

A criação da Casa dos Estudantes de Angola, segundo Ervedosa (1979, p.94) deu-se “[...] como o resultado duma necessidade premente dos estudantes. Sob a direção de um grupo de jovens dinâmicos e entusiásticos, iniciava assim a sua atividade [como] o primeiro organismo estudantil de Angola na cidade de Lisboa”, que mais tarde é alterado pela CEI – Casa dos Estudantes do Império – que “surge oficialmente na Av. Duque D’Ávila, nº 23, em

<sup>7</sup> Grande parte de sua produção sobre literatura oral foi editada em três (3) volumes, na obra *Missosso*.

<sup>8</sup> António de Oliveira Salazar (1889-1970) foi um político de nacionalidade portuguesa, inspirado no Fascismo, foi a figura de principal destaque ao longo do Estado Novo.

Lisboa, no ano de 1944”. (CONTE *et al.*, 2015, p.179), no centro da cidade em um prédio doado pelo governo português, em 1944, com 4 (quatro) andares.

Ao longo de um período de 20 (vinte) anos de existência, os círculos da CEI passaram a aglomerar estudantes de países colonizados pelos portugueses.

A Casa dos Estudantes de Angola dava, algum tempo decorrido, lugar à Casa dos Estudantes do Império, que viria a desenvolver uma ampla atividade associativa ao longo de vinte anos de existência. Nela passaram a desaguar, vindos de todas as colônias portuguesas da África, da Ásia e da Oceânia, estudantes das várias raças, religiões e credos políticos. A Casa dos Estudantes do Império abre uma delegação em Coimbra, onde o número de estudantes era igualmente elevado e dá início ao funcionamento regular de numerosas secções, desde as assistenciais e recreativas às desportivas e culturais. (ERVEDOSA, p.95).

Sendo assim, durante o seu período de funcionamento organizavam-se dentro do espaço da CEI, diversas atividades de caráter recreativo e cultural, tais como, nomeadamente, “encontros desportivos, bailes, “matinéés” dançantes, jantares, mas também colóquios, conferências, exposições, sessões de cinema e de música, concursos de literaturas...” (CASTELO, 1997, p.25).

[nos] primeiros anos de existência, a CEI tinha uma configuração formada por departamentos e subdivisões. Seguindo certa hierarquia, tinha um presidente geral, um tesoureiro, além de secretários de cultura e de educação, no entanto, existem departamentos autônomos. Angola, por exemplo, tinha sua administração, assim como Moçambique. Os estudantes agrupavam-se de acordo com seu país de origem, e havia a administração central, que reunia presidente de todas as seções[...]Ao longo dos anos da sua existência, a Casa dos Estudantes do Império desenvolveu a par duma profícua atividade no campo social, desportiva e recreativa, um trabalho intensivo no domínio da divulgação da cultura dos territórios coloniais. E no desempenho de todas essas tarefas criaram-se laços de profunda amizade e uma consciência nacional, sobretudo angolana e moçambicana, que não admite exclusão de ninguém. A casa era uma associação politicamente neutra por força estatutária, mas de esquerda por força de ação política dos seus dirigentes. Multirracial na sua composição étnica e nos ideias de sociedade (CONTE *et al.*, p.180-1).

Apresentado este breve resumo, onde tínhamos como meta evidenciar a criação da CEI, num primeiro plano, e o início das atividades desenvolvidas dentro do espaço da CEI, noutro, com um breve panorama historial, buscaremos agora a contextualizar o início das primeiras manifestações, no ano 1948, conforme aponta Ervedosa a seguir, em materiais de pequena circulação, como boletins. Neles notamos já alguns poemas que mais adiante iremos

destacar, cujos autores articulam os gritos de manifestos contra o governo português, aliados à leitura de outros escritores, bem como de outras formas artísticas:

Em Lisboa seu boletim literário *Mensagem* e em Coimbra um boletim similar denominado *Meridiano*. É nessas modestas páginas copiografadas que uma parte da nova geração literária angolana vai prosseguir a sua caminhada depois dos primeiros passos dados em *O Estudante e Padrão*, jornais do Liceu de Luanda e do Lubango. Naqueles boletins encontramos os trabalhos assinados pelos jovens estudantes de Angola, grande parte deles fortemente impressionados pelas correntes neo-realistas da literatura, do cinema e da pintura, triunfantes no pós-guerra, e mais tarde não só pela descoberta da negritude que desde 1935 vinha sendo propugnada por Senghor e Césaire, mas também pelo exemplo dos escritores negros norte-americanos, como Richard Wright, Countee Cullen e Langston Hughes, e do cubano Nicolas Guillén (1979, p. 96).

Se por um lado foram dados os primeiros passos, na diáspora, por jovens estudantes a partir de textos literários, contra a opressão da ditadura salazarista; “em 1947 na cidade de Luanda é fundado o grupo musical denominado N’gola Ritmos, por Carlos Vieira Dias (“alinhado por Liceu”), que também contribuiu significativamente. Considerando que o

N’gola Ritmos, com as suas composições originais cantadas em Kimbundu, era mais do que o veículo duma renascença musical, porque o acto cultural não se separava do político. Alguns dos seus intervenientes trabalhavam na clandestinidade, distribuindo panfletos anticolonialistas e falando no musseques sobre a independência. Estas atividades resultaram na prisão de vários membros do conjunto, inclusivamente o próprio «Liceu», que cumpriu uma pena de dez anos no Campo de Concentração do Tarrafal (HAMILTON, 1981, p.80)

O grupo era composto por vários elementos, entre eles, nomeadamente, Liceu, Belita, Lurdes, Amadeu, Zé Maria, Fontinhas, Nino, Xódó, Gége, e outros que mais tarde começaram a entrar quando a PIDE<sup>9</sup> começou a capturar os veteranos e prendia quando estes clandestinamente distribuíam cartazes e interpretavam canções proibidas pelo governo colonial português. Os que foram apanhados pela PIDE, eram enviados para prisão de Tarrafal, como nos relata um dos integrantes, o Zé Maria, no documentário “No ritmo do Ngola Ritmos”, produzido pela televisão angolana, logo no pós-independência<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> A PIDE- Polícia Internacional de Defesa do Estado – criada a 22 de outubro de 1945, que teve como função perseguir, prender e interrogar qualquer indivíduo que se apresentava contra o regime da ditadura salazarista. Para mais informações ver: PIMENTEL, Irene Flunser. A Polícia Política do Estado Novo Português-PIDE/DGS. História, justiça e memória. Acervo, Rio de Janeiro, v. 24, no 1, p. 139-156, jan/jun 2011 - pág. 141.

<sup>10</sup> Disponível em: « <https://www.youtube.com/watch?v=JfswcounSUG> ». Acesso em 15 de novembro de 2016.

As canções do N'gola Ritmos mostravam a preservação e valorização da cultura, o grupo teve grande contribuição para as primeiras manifestações sociais, com canções que expressavam os problemas sociais, da política e da economia, para além de pensar em uma unidade nacional, a partir da realidade do povo para o povo [de Cabinda ao Cunene] culminando com isso para “o despertar das consciências”. “A nossa preocupação de levar essas músicas aos bairros e musseques, é simplesmente de levar esclarecimento”, declara Rui Mingas, sobrinho do Liceu, no referido documentário.

Ainda de acordo com o professor Hamilton (1981), tal como observou-se na literatura, a respeito das atividades reivindicatórias contra o poder colonial e de conscientizar a população, assim como também relatamos a partir da música, o Teatro de Gesto, por sua vez, surgindo ainda na décadas de 40 (quarenta) não ficou de fora. Foi através do nacionalista angolano Domingos Van-Dúnem, como um de seu principal mentor, não escapou dos olhares restritivos da PIDE, devido ter apresentado na sua curta aparição atos de expressões culturais contra o regime colonial.

Atendendo a todas estas aparições, que a partir do período dos anos 40 (quarente) e 50 (cinquenta) do século XX, demonstravam indignações contra a ditadura salazarista, Hamilton esclarece que:

foi, portanto, na atividade literária que a reivindicação cultural teve o seu maior e mais duradouro impacto na década de 50. Numa colónia como era Angola, a palavra escrita, ou na imprensa e revistas de divulgação modesta ou em volumes de distribuição reduzida, era mais facilmente aceitável às autoridades sempre vigilantes. Quando os jovens intelectuais começaram a escrever e a dizer poemas reivindicatórios no final dos anos 40 e no início dos anos 50, geralmente escreviam e falavam uns com os outros. (p.80)

Junto disso, vale destacar a preocupação dessa geração em trazer para discussão, um tanto da

literatura tradicional de Angola, literatura que, pelo desconhecimento da escrita, se tem transmitido, perpetuado e enriquecido oralmente ao longo das sucessivas gerações sob a forma de contos, lendas, fábulas, provérbios e advinhas. Ela possui, tal como a música, dança ou a escultura, uma função social milenarmente estabelecida, mas acusa já, em variados aspectos, uma evolução, quer de forma, quer de tema, acompanhando as transformações socio- económicas por que vão passando as estruturas das sociedades tribais sob o influxo das novas formas de vida. (ERVEDOSA, p.7)

Essa literatura que, precisamente, culminou com o surgimento de importantes poemas na época, entre eles, o do escritor Maurício Gomes (*apud* HAMILTON,1975, p.80), denominado “Exortação”(apud HAMILTON,1975, p.80), merece nossa especial atenção. Apesar das influências que o poeta adquiriu ao beber de escritores brasileiros como Manuel Bandeira, por exemplo, isto porque os escritores do Brasil não espelharam para o seu país (Angola), o que a Europa, em particular Portugal, havia espelhado. Na verdade, para Gomes, essa alteração (da Europa para o Brasil) deu-se pela necessidade de inovar e dar mais autenticidade para produção literária angolana, conforme nos adverte R. Hamilton (1975, p. 80). A seguir, um trecho do poema *Exortação*, de Maurício Gomes, onde o autor conclama pelos filhos de Angola:

Mas onde estão os filhos de Angola,  
se os não oiço cantar e exaltar  
tanta beleza e tanta tristeza,  
tanta dor e tanta ância  
desta terra e desta gente?

Essa nova poesia,  
forte, terna, nova e bela,  
amálgama de lágrimas e sangue,  
sublimação de muito sofrimento, afirmação duma tristeza.

(*apud* HAMILTON,1975, p.80)

Percebem-se nessa nova geração, a partir das suas composições poéticas, conteúdos carregados de saudosismo, inquietações e aflição, “que só encontramos nos exilados que longe da terra natal sonham com a hora do regresso” e com a valorização de sua gente. Portanto, havia uma consciência do processo histórico em andamento:

é preciso que os próprios filhos do país, cheios do santo zelo pelas cousas pátrias, desenvolvam a literatura nascente; e como a união faz a força, é mister que se reúnem os poucos que sentem na alma o fogo sagrado, é mister que este fogo queime e consuma as mesquinhas realidades e vaidades pessoais, de modo que cada um se regozije da prosperidade do colega. Se o Neto, o Lino, o meu amigo, o Luís Bastos, e pouco a pouco mais outros trazem cada um a sua pedra para o edifício nacional, não pode este deixar de progredir e de ser um momento, não só à glória dos que o construíram, como a da nação para cujo serviço se levantou. (ERVEDOSA, 1979, p.32)

Um outro exemplo das urgências de então, é o caso da poetista angolana Alda Lara, assim como também aconteceu com os outros jovens, a necessidade de um curso superior, a fez em 1948, partir para Europa, especificamente em Portugal, Lisboa, onde ingressa em uma Universidade, na faculdade de Medicina. Mais tarde, precisamente em 1961, concluída a sua formação, decide regressar para sua casa, sua terra natal, seu país Angola, conforme depoimento da mesma:

Uma só vontade me animava, um desejo único – fazer um curso que me pudesse tornar útil em Angola. (...) Desejava apenas realizar uma vasta acção social em Angola, queria organizar postos de assistências gratuitos, cursos de puericultura e informação sanitária para as mulheres africanas, e quantas coisas mais. (ERVEDOSA, p.99)

Alda Lara deixou também sua marca na revista *Mensagem*, publicando nesta revista o seu poema intitulado *Regresso*, que também aqui mereceu a nossa especial referência, a poetista claramente nos demonstra o seu entusiasmo e aflição, na véspera do seu regresso à sua casa, sua terra, ao seu país.

[...]

Sim! Eu hei-de voltar,  
tenho de voltar,  
não há nada que mo impeça.  
Com que prazer  
Hei-de esquecer  
toda esta luta insana...  
que em frente está a terra angolana,  
a quem regressa...

Ah! Quando eu voltar,  
Hão-de as acácias rubras,  
a sangrar  
numa verbena sem fim,  
florir só para mim!...  
E o sol ardente,  
há-de gritar na apoteose do poente,

o meu prazer sem lei...  
 A minha alegria enorme de poder  
 Enfim dizer:  
 Voltei!...  
 (apud ERVEDOSA, p. 98-99)

Nesse poema Alda Lara, para além de nos transmitir o seu amor, também nos evidencia o compromisso e desejo dela para com a sua terra, representada literariamente pela vegetação do espaço onde cresceu no planalto e ao sul de Angola. Lara demonstra claramente neste poema o seu saudosismo, a sua angolanidade<sup>11</sup>, de uma identidade angolana que se buscou construir a partir do seu desejo e aflição de voltar para sua família, seu país. Mesmo havendo “divergências de ordem ideológica entre as selecções [de poemas da revista Mensagem], são abertamente regionalistas ou otimistas, outros – a – maioria – são veladamente nacionalistas, com suspiro de protesto social e anticolonialista” (HAMILTON, p.82).

Como já acima ficou destacado, sobre os surgimentos de movimentos culturais que foram surgindo durante os finais da década de 40 (quarenta), no seu *Roteiro da literatura angolana*, Carlos Ervedosa descreve que, como a principal meta dos filhos da terra, perante o aparato opressivo colonial, era de poder:

estudar a terra que lhes fora berço, a terra que eles tanto amavam e tão mal conheciam. Eram ex-alunos do liceu que recitavam de cor todos os rios, todas as serras, todas as estações e apeadeiros das linhas férreas de Portugal, mas que mal sabiam os afluentes do Cuanza que corria ao seu lado, as suas serras de picos altaneiros, os seus povos de hábitos e línguas tão diversas, que liam e faziam redações sobre a beleza da neve ou o encanto da Primaveira que nunca tinham presenciado (1979, p.101).

Mario Pinto de Andrade, que foi um ensaísta e intelectual angolano, ativo participante da CEI e organizador das primeiras antologias de poetas africanos de língua portuguesa, considerou que a ideologia do movimento formado por estes jovens filhos da terra que os viu nascer, era, na verdade, de incentivo, já que

---

<sup>11</sup> O conceito de angolanidade nasce a partir de um princípio filosófico cultural, que conduz o cânone dos valores físicos e sociais comuns dentro do contexto nacional angolano: valores estes que, independentemente de cor da pele ou pertencimento étnico, é percebido como particularidade de caráter identitário. Para mais aprofundamento ver este artigo: BATSÍKAMA, Patrício. Angolanidade: construção das identidades angolanas. Disponível em: « <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/angolanidade-construcao-das-identidades-angolanas-por-patricao-batsikama> » Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

os jovens a redescobrir Angola em todos os seus aspectos através de um trabalho coletivo e organizado; exortava a produzir-se para o povo; solicitava o estudo das modernas correntes culturais estrangeiras, mas com o fim de repensar e nacionalizar as suas criações positivas válidas exigia a expressão dos interesses populares e da autêntica natureza africana, mas sem que se fizesse nenhuma concessão à sede de exotismo, na inteligência, na vontade e na razão africana. (*apud* ERVEDOSA, p. 102)

Tanto em Luanda, Lisboa ou Coimbra, a produção literária angolana que se expunha na língua portuguesa, percebida como novo fenómeno, surge a partir da produção dos jovens intelectuais residentes difundidos nos vários bairros da cidade luandense, assim como também daqueles jovens universitários, que muito cedo tiveram que partir e deixar para trás suas terras em busca da formação superior na diáspora, especificamente na cidade de Lisboa e Coimbra. Pelas leituras, passaram a perceber de outras literaturas, como no caso em particular de nomes como, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Jorge Amado, e entre outros, uma familiaridade que “ajudou a caracterizar a nova poesia e ficção angolana, mas é, certamente, num fenómeno de convergência cultural que poderemos encontrar as razões das afinidades das duas literaturas” (ERVEDOSA, p.105).

Ilustra-nos Hamilton que a relação entre estas duas literaturas, a angolana e a brasileira, foi afetividade que culminou conseqüentemente chegou a ter representação publicada na revista *Mensagem*.

Verificamos que uma consciência, entre os novos intelectuais, dos laços humanos e culturais entre Angola e o Brasil e a influência da literatura brasileira em escritores angolanos eram factos irrefutáveis. Assim, não ficamos surpreendidos ao ver um ou outro poeta brasileiro representado em *Mensagem*. (p.83)

Em 1951, através do “departamento cultural da Associação dos Naturais de Angola” começaram-se a dar os trabalhos de produções literárias para a revista, que fora ser mais tarde um dos principais meios recorrentes de expressão das ideologias através da *Mensagem*, que foi “[...] para a rua, a cumprir a sua missão, levando em si, para vós, para o mundo, uma mão-cheia de esperança; um cacho de mocidade sedente de Verdade de Angola, de Justiça e de Paz” (ERVEDOSA, p.106).

De acordo com o editorial da edição comemorativa da revista *Mensagem*, publicado em 1997, da Associação dos Estudantes do Império, deu-nos a entender que na CEI, os boletins que foram publicados clandestinamente entre os anos 1948 e 1964, assumiram com bastante clareza os interesses dos jovens intelectuais africanos, que por lá passaram:

Foi nesse espaço que as literaturas da África escritas em língua portuguesa fortaleceram-se. Entre 1948 e 1950, surgiu o movimento literário anticolonial, o qual permitiu cerzir identidades fragmentadas durante anos de colonialismo e dar-lhes uma ideia de inteireza de sentido, escapando a caracterização arquetípica da literatura vigente. Isso se deu justamente com a literatura dos jovens escritores em ascensão, como Craveirinha, Luandino Vieira, Noémia de Souza e Pepetela, a qual passou a ser usada como forma de denúncia da vida colonial, da ditadura e, ainda, como forma de libertação, dando voz a quem por muito tempo estava obrigado ao silêncio, trazendo ao centro aqueles que antes ocupam a margem. Essa literatura passa, então, a apresentar personagens que simbolicamente representam os povos em luta contra o colonialismo português (CONTE *et al*, 2015, p. 182).

A produção da literatura dos anos 50 (cinquenta) fortaleceu-se fortemente devido aos objetivos por alcançar dos jovens africanos, que sentiram a necessidade de promover cada vez mais o estudo do povo africano colonizado, tentando compreender assim a origem a partir das expressões literárias exclusivamente africanas, buscando defender os interesses do povo negro, do povo africano a partir da CEI.

De acordo com Ervedosa surge, em 1951, o concurso de literatura (o primeiro e o último) organizado pelo Movimento dos Novos Intelectuais Angolanos, onde escritores portugueses como João de Barros, Augusto Casimiro, Julião Quintinha, e entre outros conceituados escritores portugueses das letras e da democracia, compondo o corpo de jurados. Entre os presentes poetas do Movimento, Maurício Gomes, com o seu poema denominado *Bandeira* viu-se assim impedido de recitar o seu poema devido à crítica pela liberdade que nele assim se coloca:

Somos um povo à parte  
 Desprezado  
 Incompreendido,  
 Um povo que lutou e foi vencido.

(*apud* ERVEDOSA, p.122)

O teor da literatura de reivindicação, como anteriormente referido, já que podemos entender o termo “bandeira” como lutar por uma causa, fizeram com que a revista *Mensagem* passasse então a ser alvo da PIDE, que sentiu-se preocupada com as atividades desenvolvidas no centro do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola. Atividades que buscavam o despertar da consciência do povo, através da literatura. Com a perseguição da PIDE, o

Movimento dos Novos Intelectuais de Angola após a segunda publicação da revista *Mensagem*, a publicação é interrompida. Muitos dos que se reuniram à volta da revista, mais tarde, colaboraram para então fundar o MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola.

De acordo com Ervedosa, foi precisamente na capital de Luanda que o Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA, fez circular em dezembro de 1956, as primeiras notas de manifesto, conforme destacamos:

(...) o colonialismo português não cairá sem luta. É por isso que o povo angolano só se poderá libertar pela guerra revolucionária. Será apenas vitoriosa com a realização de uma frente unida de todas as forças anti-imperialistas de Angola, que não esteja ligada à cor, à situação social, a credos religiosos e tendências individuais; será vitoriosa graças à formação de um vasto movimento popular de libertação de Angola. (*apud* ERVEDOSA, 1979, p.126)

Mais adiante para uma abordagem detalhada, iremos retomar a nossa fala sobre a participação do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), visto que foi dentro do seio desse movimento político africano, em particular para os angolanos, onde despontaram muitos dos intelectuais que prestaram contribuições tanto literária como física, para as frentes das lutas pela libertação dos povos de Angola; um partido indissociável na conjuntura de acontecimentos sociopolíticos.

Acrescenta-nos ainda Ervedosa (1979) que o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) para dar cabo dos obstáculos que foram surgindo durante os anos de luta, tiveram que recorrer a 3 (três) importantes grupos da escala social da sociedade angolana, a mencionar, a classe dos trabalhadores, a burguesia e os intelectuais, além de tentar congregar as questões étnicas ao seu redor, daí palavras de ordem ao longo dos anos terem sido sedimentadas, tais como: Um só Povo, uma só Nação ou ainda 2K da Kabinda ao Kunene, por exemplo.

Extinta a revista *Mensagem* e surge a *Cultura*, em 1957, ano em que sai o Jornal Cultural de Angola, por conta da Sociedade Cultural de Angola, tal como a anteriormente tivera feito à revista *Mensagem*.

Em seu primeiro editorial, *Cultura*, adverte-nos com a seguinte nota:

Não é apenas de hoje a necessidade de um jornal cultural de Angola. Noutras épocas, outros homens realizavam a mesma tarefa. Porém, há vários anos, em virtude de circunstâncias que não interessa agora referir, não existe em Angola qualquer órgão cultural, especificamente cultural. No entanto, os problemas continuaram a sua marcha inexorável e os homens continuaram

presentes, portadores, já agora, de novas necessidades, novos anseios e novas coragens. Também maiores em número, conseqüentemente em qualidade. Mais conscientes, mais aptos e mais responsáveis. Características que se foram afirmando, mercê da agudização de certos problemas cujo processo vem de lá de trás (...) (*apud* ERVEDOSA, p. 128)

Foi com um curto prazo de tempo, de 2 (dois) anos apenas, que neste novo jornal publicam-se novas materiais com teor cultural e considerado de bom prestígio, com participações de bases científicas e também de intelectuais portugueses residentes na então colônia africana portuguesa, Angola, com conta também exclusividades escritores locais, nomeadamente, Arnaldo Santos, João Abel, Manuel [dos Santos] Lima, Henrique Guerra, Caobelo, Ernesto Lara Filho, Luandino Vieira, Mário Guerra, Hélder Neto, entre outros, conforme indica Ervedosa (cf.1979, p. 128).

Apresentado esse panorama geral, onde destacamos o surgimento das primeiras reivindicações nas atividades culturais, que teve como o principal destaque a literatura, que começa a ser desenvolvida por jovens intelectuais dos países africanos, no caso em particular a angolana, que teve portanto seus primeiros desdobramentos em 1948 com o lema “Vamos descobrir Angola”, encabeçado pelo Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), de 1950, que também foi responsável pela publicação da *Antologia dos novos poetas de Angola* (1950) e das revistas *Mensagem*, a *Voz dos Naturais de Angola* (1951-1952) e *Cultura* (1957-1961). O presente capítulo, portanto, procurou evidenciar como as atividades literárias e as suas particularidades, construídas dentro e fora do território angolano, serviram como uma via para defender os interesses sociais, políticos e económicos do povo, contra a ditadura do governo português.

### **CAPÍTULO III- A literatura da década de sessenta (60)**

Neste capítulo, como parte do nosso primeiro recorte da pesquisa, iremos com especificidade procurar analisar e compreender, uma parte do conjunto de textos literários que foram produzidos no período da década de sessenta (60) por alguns escritores angolanos, tanto nos poemas, contos, prosas, assim como também em romances.

Dentro do marco histórico da década de sessenta (60), viu-se surgir o desencadear de vários movimentos africanos de luta de libertação nacional. Numa geração antecedente a nossa, com o surgimento de ilustres nomes de nacionalistas como Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Francisco Tenreiro, Lúcio Lara, Marcelino dos Santos, entre vários (cf. ROCHA, 1997).

A década de sessenta (60) em Angola foi visivelmente caracterizada pela adensamento dos movimentos dentro do cenário literário angolano, diferentemente das realidades anteriores. O conjunto das associações existentes neste período, entre elas, destacamos:

[...] a Sociedade Cultural de Angola, a Associação dos Naturais de Angola, através dos seus boletins, jornais ou revistas, dos seus livros e concursos literários, conferências, recitais ou colóquios, mais as Publicações Imbondeiro, as edições bailundo, do Museu de Angola [...] (ERVEDOSA, 1979, p. 133).

Além disso, no concernente às questões políticas, foi também um período extremamente importante e de muita agitação, em que um dentre os vários existentes movimentos internos em Angola, o MPLA, começava a demonstrar presença ativa para lutar e defender os interesses nacionais. Inclusive, com isso, alguns de seus militantes também atuavam como escritores, começavam a ser capturados e presos pela polícia colonial, devido às práticas de atividades indesejáveis ao olhar colonial.

Em 1961, começava então em Angola os ataques dos movimentos nacionalistas comandado por angolanos contra o regime colonial. Por um lado, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), iniciava os ataques armados em quatro (4) de fevereiro às esquadras policiais em Luanda, com isso perspectivaram a libertação de seus militantes capturados pelas rusgas coloniais. Outro movimento nacionalista angolano, denominado UPA que mais tarde daria lugar a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), neste mesmo

ano, também despontou efetuando outros ataques armados em 15 de março do mesmo ano (cf. VENÂNCIO, 1992).

Além desses acontecimentos, nos dois (2) primeiros meses desse mesmo ano, a população residente de Milando<sup>12</sup> e trabalhadora, incluindo mulheres e crianças, devido ao sistema implementado pelo poder opressor nas plantações de algodão e não só, iniciam com um ato de bravura em prol da causa de libertação nacional contra o poderio colonial e contra os interesses capitalistas da empresa Cotonang<sup>13</sup>; que para defender de seus interesses, as autoridades das forças armadas portuguesas do Ultramar, efetuaram bombardeios aéreos em redor dos vilarejos, como forma de represália e de intimidação aos que se mostraram desobedecer as regras implementadas pelo regime. Esse ato considerado bárbaro, resultou, infelizmente, em destruição estrutural das vilas, incalculáveis números de operários e famílias que perderam as suas vidas, assim como a emigração em massa aos países vizinhos, pelas razões de melhores condições de vida.

Na verdade, a indignação dos camponeses fundava-se na obrigatoriedade da lavoura de algodão, assim como a população em geral protestava contra situação de pobreza, miséria e todos os abusos do cultivo forçado. Se por um lado, o algodão, na altura, internacionalmente era um produto de comércio rentavelmente satisfatório ao mercado colonial, no contexto africano, por outro, o reconhecimento do esforço de quem produzia era desvalorizado devido aos baixos custos, tal como também com as remunerações desses produtores (cf. BITTENCOURT, 1999).

Dessa forma, com luta persistente e determinante, os escritores manifestavam a necessidade de se opor contra as represálias do regime ditatorial, conforme é reconhecido no intitulado poema *Luta*, que aqui também mereceu a nossa atenção, do poeta Agostinho Neto (2014).

## LUTA

Violência  
vozes de aço ao sol  
incendeiam a paisagem já quente

E os sonhos  
se desfazem  
contra uma muralha de baionetas

Nova onda se levanta

<sup>12</sup> Cidade comunal angolana situada ao Norte de Angola, na província de Malanje.

<sup>13</sup> Foi uma companhia belga que controlava o capital das plantações de algodão em Malanje, Angola, nos finais da década de cinquenta (50).

e os anseios se desfazem  
sobre corpos insepultos

E a nova onda se levanta para a luta  
e ainda outra e outra  
até que da violência  
apenas reste o perdão.

Tal como no início afirmamos, a década de sessenta (60) foi um período de amplo prestígio no que concerne à literatura angolana. Assim como em Agostinho Neto, de um lado; António Cardoso, por outro, enaltece-nos com mais um solidário poema *Desânimo* (1961):

Com a morte cá dentro  
que poema de amor e esperança  
te posso dar amor?

Árvore desenraizada  
murchando à mingua d'água  
que não lhe trazes amor,  
que poema de amor e esperança  
te posso ofertar ainda?

Que venham as crianças amanhã  
encher o mundo de balões e risos  
que venha o sol fecundante  
semear a vida nova que não alcanço  
e que a árvore morra de morte natural!

O poeta angolano António Cardoso, neste seu poema, deu-nos a entender uma demonstração de manifestação, indignação, de angústia e dor, sentimentos incontestavelmente presentes nos poemas da época, bem como a esperança e o amor que armava a luta.

Para entendermos melhor a dedicação que os autores angolanos depositavam entre si, dentro da vasta produção literária, com intuito participar e colaborar das lutas nacionais, recorremos ao trecho do brasileiro, Antônio Candido, considerado por muitos, como um dos importantes críticos literários da contemporaneidade, que a seguir nos esclarece que

quando a atividade dos escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre elemento decisivo: a formação da continuidade literária, - espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definido os lineamentos de um todo. É uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, aos quais somos obrigados a nos referir,

para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura, como fenómeno de civilização (CANDIDO, 2000, p.24).

É neste sentido que a conjuntura de encontros de escritores angolanos apesar de algumas rupturas, sucedem em grande escala e em diferentes circunstâncias ao longo dos anos 60. Ou seja, devido às capturas, as prisões efetuadas pela polícia colonial, o número de escritores que se estavam em cárcere era expressivo, como Luandino Vieira; enquanto que, por outro lado, houve também encontros entre os que se encontravam na condição de imigrante, tal como também com aqueles que se apresentavam espalhados em campos de guerrilhas, só para ilustrar, entre os vários, o caso de Pepetela.

Sobre este panorama, seguiram em Angola uma vasta circulação de produção literária levada a cargo pelas edições da revista *Imbondeiro*, que pela sua existência, na altura, teve vasto destaque editorial dentro do espaço social angolano.

As Edições Imbondeiro publicaram as Notícias de Imbondeiro e Coleção Imbondeiro, Contos d' África (1961), Novos contos d' África (1962), as antologias Makua, nº 1 (1962), nº 2 e 3 (1963), nº 4 (1963) e nº 5-6 (1964), Antologia poética angolana (1963), e Imbondeiro gigante [...] (SANTOS, 2007, p.38).

Foi igualmente sobre o comando das *Edições Imbondeiros* que na data de 19 a 27 de janeiro de 1963, realizava-se o I Encontro de Escritores de Angola na cidade de Sá da Bandeira<sup>14</sup>, que não teve um sucesso absoluto por motivos do início da guerrilha contra as forças coloniais, por um lado, e os angolanos, pelo outro. E foi isto, nesta altura, crucial devido há um considerável número de escritores angolanos espalhados pelos campos de batalhas, assim como também entre as prisões e expatriação. Tal como sucedeu com as duas anteriores revistas: a *Mensagem* e a *Cultura*, as *Edições Imbondeiros* com pouco tempo de circulação igualmente, não foi muito além das duas anteriores revistas. Quando, infelizmente, vê-se assim a ser encerrado por um decreto da PIDE, em 1965 (cf. SANTOS, 2007).

Vale salientarmos também que dentro do cenário da década de sessenta (60), as atribuições do prémio literário Maria José Abrantes da Mota Veiga, que com o seu surgimento começou a se destacar através de suas importantes atribuições na capital luandense, Angola, de modo anual.

---

<sup>14</sup> Atualmente denominado como Lubango, capital da província da Huíla.

Da lista nominal de escritores angolanos que ao longo dos anos sessenta (60) passaram e foram engrandecidos com o prémio Maria José Abrantes da Mota Veiga, constam nomes como, por exemplo, Mario Antonio, Luandino Vieira, Arnaldo Santos, Cândido da Velha, Bessa Victor, João- Maria Vilanova, Ruy de Carvalho, entre outros, de acordo com Carlos Ervedosa (1979).

A intitulada obra literária *Luanda*, só para ilustrar, de Luandino Vieira que foi escrita na década de sessenta (60), exatamente no ano de 1963, consta tal como tantas outras no quadro de premiações do prémio Maria José Abrantes da Mota Veiga, datado em 1964. Demonstrando assim, com isso, a importância de espaços abertos para os escritores locais puderem divulgar e contribuir com o prevalecimento de uma literatura angolana que se fazia.

Perante cenário marcado por intensas atividades culturais na década de sessenta (60) com particularidades democráticas (ou descolonizadora), que se vivenciou na capital luandense, o conjunto de associações que se dedicavam em desenvolver tais exercícios e começavam a se tornar alvos de perseguição da PIDE: a Sociedade Cultural de Angola, o Cine Clube de Luanda e a Associação dos Naturais de Angola; para além das rusgas e capturas que os membros passariam a estar sujeitos. Além disso, por outro lado, no exterior do país, exatamente em Portugal, observou igualmente o encerramento da CEI, assim como tal igual à Sociedade Portuguesa de Escritores (cf. ERVEDOSA, 1979).

No ano de 1963, enquanto alguns escritores começavam a ser capturados e enviados para prisão de Tarrafal, entre eles constavam nomes como Antonio Jacinto, Luandino Vieira assim como Antonio Cardoso, recebendo condenação de 14 (catorze) anos de prisão; enquanto que, por outro lado, alguns dos militantes intelectuais ligados ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), ludibriam a segurança colonial e “partem para o estrangeiro e aderem à guerrilha. A literatura reivindicativa dos anos 50 dava o seu lugar à literatura de *maquis*” (ERVEDOSA, 1979, p. 138).

Desse modo, não se observou um silenciamento nesta produção literária, mas sim, um crescimento dimensional significativo. E disto surgiu uma das poesias que foi escrito entre as grades por Antonio Jacinto, que mereceu a nossa atenção devida apreciação ao cenário de isolamento de suas celas, que o autor acaba sempre por evidenciar nas suas produções literárias. Assim como também o saudosismo, desassossego, tal impossibilidades devido o pequeno espaço de seu cativeiro, como ficou evidente no seu *Alvorada* (2014):

No ensombrado barracão de grades  
 grades que não impedem estrelas  
 estrelas no celeste painel  
 As camas alinhadas  
 As cobertas novas  
 Os tossaires da madrugada.

Desperto!

E tu Poesia, invades,  
 (pelas  
 ondas de sono refrego)  
 as ideias desarrumadas  
 - enroladas trovas –  
 Tu Poesia, ou talvez Nada.

Da cama,  
 são as estrelas perto

Além disso, outra particularidade que marcou a década de sessenta (60) foi igualmente o avanço notado na prosa angolana. Explica-nos Hamilton (1981) que há quantidades de poemas e contos neste período deu-se devido ao labor intensivo de todos os fazedores desta arte que não abandonaram o país, e que continuavam a escrever com intensidade em diferentes partes, isto é, tanto dentro quanto fora de solo angolano. Quanto ao romance, por outro lado, a realidade foi diferente devido alguns problemas que os escritores enfrentavam tanto na ordem editorial, econômica, política, tal como também ficavam condicionados em remeter os seus manuscritos a Agência Geral do Ultramar. Visto que, era quase que percebido no teor dos textos particularidades reivindicatórias e atos protestos, motivos que condicionava a sua edição.

Um exemplo disso é a obra de José Luandino Vieira intitulado *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, datado de 1961, período em que foi escrito, somente viria a ser editado após se passarem catorze (14) anos, em 1974, um ano antes da data da independência de Angola, em 1975 (HAMILTON, 1981, p.138).

Tal se como constatou na literatura, outras formas artísticas, como na produção cinematográfica, por sua vez, também serviram de arma do projeto de conscientização. Como exemplo disso, já ilustramos no nosso anterior capítulo o documentário do grupo musical angolano da década de quarenta (40), Ngola Ritmos. Acrescentamos o filme intitulado por *Sambizanga*<sup>15</sup>, dirigido por Sarah Maldoror<sup>16</sup>. O filme é um comovente drama da

<sup>15</sup> Disponível em:« <https://www.youtube.com/watch?v=Rm6453fKKAY>» Acesso em 11 de novembro de 2016.

<sup>16</sup> Cineasta nascida em 1938, em Guadalupe. Embora a realizadora do *Sambizanga* não seja angolana, é considerado por muitos um filme angolano.

cinematografia angolana que retrata a vida de um personagem, Domingos Xavier, do romance escrito em 1961 e somente publicado em 1974 por Luandino Vieira, nomeado de *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, cujo roteiro teve a participação do próprio Mario Pinto de Andrade, a maioria dos atores não eram profissionais e as falas em grande parte foram realizadas em kimbundu, foi filmado fora de Angola em 1972, portanto antes mesmo do livro ter sido publicado. No enredo, tal como aconteceu com os outros, Domingos Xavier foi também um nacionalista e revolucionário que articulava a vontade de acabar com o fascismo português em solo angolano e que, com isso, fora apanhado em sua casa de surpresa e preso pelo regime policial, a PIDE. Nessa obra literária, Luandino Vieira, patentemente torna evidente a necessidade de instinto do despertar do povo à trilha da conquista da independência.

Outro exemplo de produção posterior sobre os anos 60, relata no outro lado do Atlântico, em Portugal, Lisboa e Coimbra, por sua vez, “aqueles rapazes negros, brancos e mestiços” (ERVEDOSA, p.101), que pela necessidade de obterem uma formação superior tiveram que abandonar seu país (aqui em particular aos angolanos como F. Van Dumen), haviam dado em junho de 1961, o início ao processo de fuga para escaparem das repressões lhes imposta e lutar por Angola, África, de acordo com o documentário *Operação Angola: fugir para lutar*<sup>17</sup>, produzido pela Rede Televisiva de Portugal, RTP.

As obras literárias igualmente puderam evidenciar os cenários de brutalidades praticadas pelo regime colonial português contra os povos colonizados e exilados, que se mostraram indignados com o duro cenário opressivo e fascista, recorrendo assim na prática literária para prestar suas declarações e saudosismo, tal como ficou demonstrado no poema *Desterro*, de Agostinho Neto (2014). Rememoremos:

Para ti também  
mamã  
há uma só palavra  
nesta nova partida para o desterro  
- Coragem, voltaremos a encontrar-nos

Irene, Elida, Dady  
nomes duma ternura de sangue  
- Coragem, voltaremos a encontrar-nos

O que no meu coração existe por todos vós  
irmãos do meu sangue, da minha raça do meu povo

<sup>17</sup> Disponível em: « <http://www.rtp.pt/play/p2166/e216511/operacao-angola-fugir-para-lutar> » Acesso em 11 de novembro de 2016.

Para ti “Ti Duia”, rei no Cemitério Novo  
 é esta palavra de luta e de fogo  
 - Coragem até o regresso

Meu pobre Kajokolo  
 poeta frustrado numa existência de evasões  
 não será sobre a sepultura  
 que as nossas lágrimas derramadas cairão  
 será na alegria do grande abraço  
 ao festejarmos o ressurgimento

No meu coração de exilado  
 Todos vós com o vigor do nosso povo  
 estais ligados às manhãs dolorosas de despedida  
 pelo povo  
 pela humanidade  
 pela paz.

Outro poema literário dessa mesma década que também mereceu nossa observação, que teve como seu mentor uma elogiável figura do nacionalista angolano: referimo-nos ao Mário António (2014), que a exemplo de Neto, corroborava das mesmas denúncias de esgotamentos e essencialmente carregado de sentimentalismo puro e verdadeiro, sobretudo, da vontade de se por fim um contra a exploração e a censura salazarista.

Agora o à- vontade, o desencanto.  
 Agora, finalmente, a natural  
 Conversa, sem perigo. No entanto,  
 Doem-se as almas, sós, contra o banal.

Agora já me falas sem o manto  
 Da inquietude – calma; e, como tal,  
 Me explanas, sem lugar para o pranto  
 Ou o sobressalto, a tua vida igual.

Agora coexistem, delicados,  
 Num mundo feito- crianças – para dois,  
 Várias pessoas mais: e ele, e ela.

Agora estamos, vê, mais sossegados,  
 E mais mortos, mais eles, sendo, pois,  
 Morte esta vida e nós a merecê-la.

Dessa forma, ao tratarmos da vasta literatura que circulava clandestinamente na década de sessenta (60), podemos certamente considerá-la como uma literatura de revolução, de luta, resistência que buscava desconstruir a situação vivida em épocas do regime colonial,

tendo a escrita abrindo o caminho de despertar e conscientizar os angolanos, para que transpusessem da zona obscura imputada pelo regime português. No poema do nacionalista Arnaldo Santos, denominado *Regresso*, percebe-se com clareza a resistência, e o clamor para lutar pela liberdade do seu povo, de seu país.

Bandeiras sem cores  
Tremulando ao vento...

Passa um camião onde vozes cantam.  
São homens que voltam.

E o sonoro canto vai longe... longe...  
Às cubatas sós onde mães esperam...

Bandeiras-desejos  
Tremulando ao vento...

E vozes deixando na esteira dura  
Com o pó da estrada  
Cantos de renúncia.

E tremulando sempre  
Bandeiras sem cores agitam desejos.

Nascem vagidos novos nas sanzalas!  
.....

Soturnidades suspensas palpitam no escuro  
Como pulsações sombrias de ngomas.

Há ecos de falas abafadas  
Longínquos sons que o vento move  
Cavando distâncias na distância  
Fatais  
como a queda livre de uma pedra.

E esfiam-se vidas em murmúrios...

E há olhos postos no caminho...

E eu sinto que a marcha dos meus passos  
Cala vozes nas cubatas

Acorda silêncios no negrume.

(*Apud* ANDRADE & EDUARDO, 1959, p. 214)

O poema *Aos poetas do Norte*, de Ernesto Lara Filho, é, talvez, a nosso entender, um dos poemas que no seu contexto demonstra-nos o sentimentalismo, angústia projetadas na natureza da frente de combate. Além disso, é evidentemente possível perceber neste poema o destaque de uma literatura defensiva e solidária. Relembremos:

A paisagem do Norte está completamente destruída  
os ódios acenderam chamas nos clarões das queimadas  
o fumo negro dos incêndios subiu aos céus  
e tomou as nuvens negras, mais escuras, mais sombrias.

AGORA JÁ SÓ NOS RESTA UMA DESOLAÇÃO IMENSA.

Nas margem dos rios  
os corpos cansados de lutar  
debruçaram-se para mitigar sedes infindáveis  
e voltar para a luta sem tréguas dos ódios das raças.  
Nas margens dos rios  
os membros mutilados  
os corpos trucidados  
deixam escorrer o seu sangue  
pelas linhas de água.

Agora só nos resta uma tristeza imensa.

O capim regado com o sangue das crianças  
o capim regado pelo sangue dos que têm  
«fome e sede de justiça»  
O capim escurecido pelo sangue dos-que-não-tiveram-culpa-nenhuma  
O capim verde do pasto dos gados.  
reverdecerá amanhã mais forte  
no cacimbo de muitas madrugadas.

E haverá lavras e campos para todos  
E haverá pastos para todos os gados  
A terra será novamente prenche  
Teremos que ver goiabas e loengos nas bocas rubras  
de todas as crianças.

Nos ramos das árvores destruídas pelo fogo.  
Nos troncos das árvores queimadas pelo fogo  
os rebentos verdes surgirão um dia  
como um grito, como um grito  
pujante  
um grito avassalador  
que vare uma a uma as florestas impenetráveis do Norte

um grito atoador  
E A MINHA TERRA SERÁ LIVRE, ENFIM!!!

AGORA SÓ NOS RESTA UMA ANGÚSTIA INFINITA!

(*apud* FARIA, 2002)

Contudo, resumidamente entendemos que a luta levada a cabo pela geração da década de sessenta (60) foi projetada pensando na independência de Angola através de movimentos culturais, aqui em particular destaque a literatura de resistência. Tal como identifica-se em poemas, contos, prosas e romances desta geração, assim como na cinematografia e na música, podemos a partir daí compreender e comprovar a vontade do povo angolano. Além disso, essa vontade de se tornar um povo livre também foi alimentada devido ao cenário que no princípio da década no continente africano se afirmou com a independência dos países de língua inglesa e francesa, vários deles colaboraram recebendo as atividades de educação para a guerrilha e os que então fugiam da perseguição do governo colonial em Angola e Portugal.

## CAPÍTULO IV – A década de setenta (70)

Assim, como demonstramos no anterior capítulo sobre as vastas movimentações literárias que sucedem na década de sessenta (60), neste atual capítulo, por sua vez, iremos prosseguir trazendo algumas das atividades importantes da década de setenta (70), que de certo modo trouxeram amplas contribuições para a concretização da sonhada e sofrível independência nacional de Angola, na luta contra o regime ditatorial do governo salazarista, assim como também, tempos depois, contra Marcelo Caetano<sup>18</sup>.

Das prisões começavam-se a libertar os escritores e outros nacionalistas capturados nas décadas anteriores, e as províncias ultramarinas passaram a ter suas autonomias administrativas, recebendo nomeações de estado português.

[O] colonialismo deixava uma sucessão de lacunas na história dessas terras e muitos escritores, falando de diferentes lugares e sob diferentes perspectivas, [os escritores ] parecem assumir o papel de preencher com o seu saber esse vazio que a consciência vinha desvelando (CHAVES, 2004, p.147).

Dessa forma, nos primórdios desta década viu-se novamente um aumento, sobretudo nas atividades voltadas para literatura angolana. Como grande destaque, foi a criação no ano de 1971, da denominada revista literária *Artes e Letras do Jornal de Angola* (cf. SANTOS, 2006). De acordo com Ervedosa, a revista desde os seus primórdios ficou notável por apresentar alguns destacáveis escritores angolanos, seja na ordem de poetas, assim como contistas, nomeadamente “Jorge Macedo, Jofre Rocha, David Mestre, Carlos Gouveia, Mendes de Carvalho, João Serra, Samuel de Sousa, Aristides Van-dúnem e Boaventura Cardoso” (1979, p. 149).

Tal como demonstramos o prémio literário Maria José Abrantes da Matta Veiga, na década de setenta houve outras atribuições de concursos literários promovidos pela empresa angolana de cervejaria CUCA. Foram premiados, só para ilustrarmos, escritores da literatura como João Abel, com a sua obra de poemas intitulada *Bom Dia*, assim como também David Mestre com a sua *Crónica do Guetto*, e entre outras premiações (cf. ERVEDOSA, 1979).

Surge também em uma província de Benguela, precisamente na cidade do Lobito, outra aparição literária denominada de *Cadernos Capricórnio*, que viria proporcionar mais

---

<sup>18</sup> Este último que, após o adocimento de António Salazar, sem mudanças na governação, dava prosseguimento ao regime ditatorial português (HAMILTON, 1975, p. 149)

espaços aos escritores angolanos para a divulgação de seus trechos literários. Tal como se constatou na capital angolana, Luanda. Num outro momento, fora do espaço territorial angolano, especificamente em Lisboa, foram igualmente destacados com as suas obras de contos e poemas, nomes de escritores angolanos como: Ruy Burity e Manuel Rui (cf.ERVEDOSA, 1979, p.150)

Contudo, apresentamos resumidamente considerações e nomes de escritores dessa década de setenta (70), que relevantemente fizeram parte da literatura de guerrilha, de combate ou de resistência, como preferimos chamar. Tal como denuncia o considerado poeta, Ernesto Lara Filho, no seu *Poema da manhã*, sobre as projeções para o futuro dos angolanos:

Os nossos filhos  
 Negra  
 hão-de trazer as ambições estampadas  
 nos olhos claros.

Os nossos filhos  
 Negra  
 Hão-de trazer a vida à flor da pele escura.

Os nossos filhos  
 Negra  
 hão-de gargalhar o seu desprezo pelas universidades da Europa  
 e hão-de rir-se dos que ficarem atrás nas classificações.

Nossos filhos  
 Negra  
 hão-de ser belos  
 hão-de trazer nas veias o sangue mais puro e mais vermelho  
 das raças de Angola  
 e os seus peitos  
 hão-de chegar primeiro nas competições desportivas  
 da América, da Europa e do Mundo.

Os nossos filhos  
 Negra  
 serão os construtores, os engenheiros, os médicos, os cientistas  
 do mundo que vem.

Eles pisarão quem se lhes atravessar na frente  
 eles hão-de fazer soar os *boogie-woogies* de Armstrong e Peters  
 nas boîtes de Paris, Londres, Moscovo, Nova Iorque  
 e não terão lugares secundários nas bichas de carros de Jo'burgo.

E principalmente  
 Negra  
 Os nossos filhos  
 chegarão sempre primeiro  
 nas competições espirituais e desportivas  
 da Europa

da América  
e do Mundo.

E principalmente  
Negra  
eles serão  
os nossos filhos.

(*Apud* ANDRADE & EDUARDO, 1959, p. 69- 70)

Hamilton (1975), por sua vez, faz menção a trabalhos produzidos por Jofre Rocha. Este que, desde 1970 a 1972, pertenceu ao quadro de escritores considerados como “ativistas e ativos” (p. 154), dentro da ordem da época. Além disso, Jofre Rocha com as suas obras de poesia participou tanto em jornais como em revistas. Esse poeta, autor de poemas intitulados como *Rusga* e *Combate*, posteriormente vê seus outros trabalhos impedidos de serem publicados pelos serviços de censura.

Com uma perspectiva igual ao do escritor Jofre Rocha, transcrevemos mais um poema também de Ernesto Lara Filho, *Olhar para os nossos amanhã*s, com significados de afeto, persistência e de engajamento de protesto sociopolítico, mais uma vez é a utopia da luta que percorre o poema. Evoquemos:

Olhar para os nossos Amanhãs  
Olhar em frente e caminhar para eles.

Olhar para os nossos Amanhãs  
renunciar a tudo o atrás ficou  
deixar farrapos de recordações  
enterrados na lama dos caminhos já pisados  
e caminhar em frente  
Sem desesperas nem angústias infundáveis  
caminhar, caminhar sempre de olhar bem fixo noutros astros

o ritmo nas passadas  
em grandes madrugadas  
o peito levantado para um porvir distante  
desejando aquilo que quisermos alcançar.

Olhar para os nossos Amanhãs  
E de cabelo ao vento  
construir a vida com os ramos que ficaram da árvores destruídas pelo fogo das  
queimadas.

Olhar para os nossos amanhã  
e de olhos secos no fragor das lutas

esquecer, esquecer tudo o que atrás ficou  
 Olhar sempre em frente no caminho das estrelas  
 Olhar sorrindo e rindo ao mesmo tempo  
 Olhar sempre e caminhar para os nossos amanhã.

Olhar em frente os ramos verdes que renascem  
 os troncos da raízes já com reiva  
 esperar esperando sempre pelas chuvas  
 que o amanhã trará com um fragor enorme  
 vendo passar estes dias espectrais.  
 Olhar para as flores vermelhas em grinaldas colossais  
 atapetando os caminhos do Futuro  
 e enfeitando as agrestes caminhadas  
 onde construídas os Nossos Grandes Amanhãs.  
 (*apud* FARIA, 2002)

Contudo, a meio da década de setenta (70) apesar da certa instabilidade política vivida na capital luandense, entre movimentos políticos internos, foi precisamente na voz de um poeta angolano, Agostinho Neto, que se tornaria o primeiro presidente da República Popular de Angola, a proclamação da independência no Largo 1º de Maio, às 00h00 do dia 11 de novembro de 1975, conforme Ervedosa (1979, p.152).

Como apresentamos, o processo que levou a conquista da independência angolana deu-se devido a vários suportes, que entre eles destacamos a forte envolvência das atividades literárias. Nelas estiveram engajados vários nacionalistas decididos em contribuir através de seus poemas, contos, romances, peças de teatro e na música, formas de conscientizar a todos os angolanos a velarem por Angola: sejam os que se encontravam no país, sejam aqueles residiam nos exteriores do espaço territorial angolano.

Assim, após a consolidação do Movimento Populr de Libertação de Angola (MPLA) no poder para dirigir os destinos do país, tendo nesta altura como presidente da república um de seu militante, que por sinal também escritor, na sua tomada de posse instituiu a criação da então nomeada União dos Escritores Angolanos (UEA), datado a 10 de dezembro de 1975, que objetivaria em velar, no quadro editorial, pela consolidação da vasta produção literária de escritores angolanos que ainda estava por publicar. Assim que se afirmou a União dos Escritores Angolanos (UEA), posteriormente nos periodos “de 1976 a 1979, editou cinquenta e dois livros, onze livros de bolso, e vinte quatro cadernos, totalizando 798.040 exemplares” (SANTOS, 2006, p.41), distribuídos ou vendidos a baixo preço, um tanto como no modelo soviético de popularização dos livros e da leitura.

Com a consolidação em curso, a UEA resgatou a vasta produção literária que só anteriormente poderia circular clandestinamente devido aos impedimentos restritivos da polícia colonial. A década de setenta (70), assim como também as anteriores, as obras de produção de literatura angolana foram caladas, mas que começariam a ser editadas, algumas reeditadas e promovidas pela recente criada UEA. Para exemplificar, editou obras literárias de Agostinho Neto, como *Sagrada esperança*, e de Luandino Vieira, assim como também do contemporâneo escritor Pepetela, a sua obra intitulada *As aventuras de Ngunga*. Sem dúvida alguma, as obras editadas pela UEA tiveram um duplo papel: primeiro, o da promoção da literatura produzida ao longo dos anos de luta pelos combatentes; segundo, a consolidação das identidades em Angola, que procuravam a partir da Independência um caminho de afirmação.

Outro berço de publicação da literatura no imediato pós-independência foi o Instituto Nacional do Livro e do Disco, que entre seus títulos, por exemplo, publicou as obras críticas de Carlos Ervedosa e Russel Hamilton, aqui utilizadas como fonte. Houve também um esforço ao redor da UEA, INLD, TPA e Rádio Nacional logo após a independência em divulgar paralelamente às obras em língua portuguesa, também as que foram produzidas em línguas nacionais.

Dessa forma, a literatura desempenhou significativamente no marco histórico da sociedade angolana um papel primordial, sobretudo no papel que diversos escritores prestaram ao desempenharem tais atividades, tendo isso em vista a “literatura angolana escrita surge assim não como simples necessidade estética, mas como arma de combate pela afirmação do homem angolano” (cf. ERVEDOSA, 1979).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto ao longo da nossa pesquisa, num primeiro momento, propusemos a apresentar uma abordagem de como sucedeu a construção de identidade do povo de Angola ao longo dos anos de luta de libertação. Uma identidade recuperada e (re) construída, devido aos atos de bravura que os jovens intelectuais angolanos dedicaram ao seu país, para por fim aos interesses capitalistas do colonialismo que, inclusive, depreciava intrinsecamente as culturas daquele nominado como colonizado.

Assim, os angolanos passaram a construir entre si, e a dar espaço aos seus valores culturais, de modo a sustentar a afirmação de sua identidade. Visto que, perante aos olhos do colonialista, angolano bom só eram aqueles que aceitassem e acatassem as imposições estabelecidas por eles.

Assim, fica evidenciado ao longo dos capítulos que o processo de (re) construção dos povos de Angola deu-se, no recorte temporal estudado, devido a participação nas mobilizações arquitetadas pelas resistências e denúncias socioculturais por via da literatura, prestando sua indignação contra a violência, pobreza e as desigualdades sociais, procuramos também demonstrar como a literatura buscou combater os abusos, assim como também proporcionar direitos iguais a partir de incentivo a incorporação de todos, e da voz daqueles que até então não eram ouvidos.

Dessa forma, buscamos também apresentar sucintamente sobre o advento do movimento ao redor da revista *Mensagem e Cultura*, que surgem a partir de finais da década de 40 e começo de 50. Os movimentos que, primeiramente, começavam de antemão dentro de território deste país africano (Angola) e que, posteriormente, consolidavam-se também fora de Angola também, na Europa – Portugal –, bem como nos países já independentes, por causa da procura dos envolvidos por uma escolaridade de ensino superior e que ao longo do processo foram descobrindo a militância como frente de combate ao opressor, foram decisivos para a formação de uma consciência acerca da literatura e das identidades por ela convocada.

Na nossa abordagem, sobre a década de sessenta (60), apresentamos uma discussão que se baseou a partir de textos literários de escritores da época e não só, que nos proporcionaram uma compreensão de modo preciso por via da leitura dos poetas. Com isso, ficou entendido que a geração que se caracterizou pela resistência não só promoveu, muitas vezes, clandestinamente, a circulação de textos literários, mas como também encarregou-se

de confrontar decididamente contra os pilares restritivos impostos pelo fascismo colonial em várias frentes do território angolano.

Na sequência, foi também discutido e apresentado a década posterior (a de 70), a consolidação do feito de conquista de liberdade do povo de Angola. Assim também como ilustramos continuamente com os poemas da década, que para além da conquista da liberdade ganharam mais espaço devido à criação da União dos Escritores Angolanos, como necessidade de desobrigar, o que fora proibido de circular.

Dessa forma, foi na literatura que estas gerações conscientizaram as populações sobre a necessidade de se manifestar e denunciar contra os abusos e exploração, e, sobretudo para participarem da luta de libertação para a independência de Angola.

De modo geral, entendemos, que todo o engajamento prestado pelo pequeno grupo de intelectuais angolanos, tanto os que se encontravam em Angola assim como os de condições de exílio e prisão, mas que a partir da literatura expressavam-se – em particular destaque nos poemas – de abertura ao processo que permitiria para que se conhecesse através da escrita a importância daqueles que pela pátria lutaram pela independência que o país vive nos dias de hoje, assim também com o redescobrimto de símbolos de incentivo à resistência: tal como representa, emblematicamente a figura de Rainha Ginga, entre outros.

Em suma: o objetivo de nossa pesquisa foi de tentarmos demonstrar ao longo de todo estudo os processos que contribuíram para proclamação da independência dos angolanos, através de atividades desenvolvidas culturalmente. A arte literária foi cuidadosamente utilizada por um pequeno grupo de jovens intelectuais africanos, em particular aos angolanos, pelo desejo de se libertarem do regime ditatorial do colonizador europeu. O rompimento que sucedeu entre o colonizador e os colonizados, proporcionou aos colonizados a liberdade para se reconstruírem novamente, mesmo que as sequelas deixadas por longas décadas de opressão ainda estejam presentes.

Preza-nos, por fim, igualmente acrescentar que durante todo o tempo em nossa pesquisa, vários foram os obstáculos que nos foram surgindo ao longo de nossa estrada, mas esperamos ter apresentado um pequeno estudo refletivo e frutuoso sobre a literatura angolana, que possa servir de contributo para futuras pesquisas, seja no seio da Unilab, seja para o público geral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, F.C. & EDUARDO, C. (Org.) **Poetas Angolanos: coletânea**. Casa dos estudantes do Império: Lisboa, 1959.

ANTÓNIO, Mário. **Obra poética**. Luanda: Grecima, 2014.

BITTENCOURT, Marcelo. **Dos jornais às armas: trajectórias da constestação angolana**. Lisboa: Vega, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. Ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CARDOSO, António. **Poemas de Circunstância**. Lisboa: Coleção de Autores Ultramarinos, 1961.

CASTELO, Cláudia. **A casa dos Estudantes do Império (1944- 1965): uma síntese histórica**. In: **Mensagem**. Lisboa: Associação Casa dos Estudantes do Império, 1997.

CHAVES, Rita. O passado presente na literatura africana. In. **Revista Via atlântica**, São Paulo, FFLCH/USP, n.7, p. 147- 161, 2004.

CONTE, Daniel. *et al.* De vozes e sussuros: A Casa, *Mensagem* e a Resistência Anticolonial. In. **Revista Literatura em Debate**, v. 9, n. 17, 2015.

ERVEDOSA, Carlos. **Roteiro da Literatura Angolana**. 2.ed. Luanda: UEA, 1979.

FARIA, António. **Obra ao Branco**. Lisboa: Universitária Editora, 2002.

HAMILTON, Russel. **Literatura Africana- literatura necessária I- Angola**. INALD: Luanda, 1981.

JACINTO, António. **Sobreviver em Tarrafal de Santiago**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2014.

MURARO, Andrea Cristina. **As ‘prendisajens’ poética em Ondjaki: dimensões da metáfora ‘xão’**. Dissertação- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

NETO, Agostinho. **Sagrada Esperança**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2014.

PIMENTEL, Irene Flunser. A Polícia Política do Estado Novo Português- PIDE/DGS. In. **História, justiça e memória**. Acervo, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, 2011.

POLLAK, Michal. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 5, nº 10, 1992, p. 1- 15.

ROCHA, Edmundo. A casa dos Estudantes do Império nos anos de fogo: Depoimento sobre a acção política da juventude africana da CEI no quadro da luta pela libertação das colónias portuguesas. In. **Mensagem**. Associação Casa dos Estudantes do Império: Lisboa, 1997, p.103- 114.

SANTOS, Donizeth Aparecido dos. Da ruptura à consolidação: um esboço do percurso literário angolano de 1948 a 1975. In. **Revista UPG**, Soc. Apl. Ling. Letras e Artes, Ponta Grossa, 15 (1), p.37-39, 2007.

SERRANO, Carlos. **Angola o Nascimento de uma Nação** – um estudo sobre a constituição da identidade nacional (prefácio de Alfredo Margarido). Luanda. Ed. Kilombelombe, 2008.

STUART, Hall. **Da Diáspora**: identidade e mediações culturais. Brasília: Editora UFMG, 2003.

VENÂNCIO. José Carlos. **Literatura e Poder na África Lusófona**. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.